



O TRABALHO ESTARIA PERDENDO A IMPORTÂNCIA?

O trabalho permite a sobrevivência. O trabalho traz reconhecimento. O trabalho estrutura e preenche o tempo. O trabalho confere identidade e *status*. O trabalho possibilita uma contribuição para a sociedade. Esses são resultados da pesquisa Meaning of Working (MOW), realizada na década de 1980 em diversos países, e que têm sido confirmados por inúmeros outros estudos desde então.

O trabalho parece ser, portanto, central para as pessoas, até mesmo quando comparado a outras esferas da vida, como a família, o lazer, a comunidade e a religião. As pessoas trabalham para ter a sobrevivência garantida, mas esperam muito mais de sua atividade profissional. No entanto, será que não há indícios de que essa centralidade estaria diminuindo?

Mudanças na forma, no conteúdo e na organização do trabalho – propiciadas, em grande parte, pelo avanço acelerado da tecnologia – permitem que as pessoas exerçam suas funções remotamente, por exemplo, de casa, de um café, de uma viagem. Tempo de trabalho e tempo de não trabalho podem se alternar ao longo do dia, sem horários fixos, especialmente para quem lida com fusos horários diferentes. Portanto, as fronteiras do trabalho tornaram-se tênues e este pode não ser mais um elemento estruturador do tempo. Ainda que os estudos iniciais sobre *home office* tenham mostrado que as pessoas sentem falta de estar com os colegas (e de participar de almoços, *happy hours*, eventos etc.), outras fontes importantes de contato e relacionamento surgiram ou se tornaram mais disseminadas — como as redes sociais, os cursos de extensão

O TRABALHO COMEÇA A PERDER SUA FUNÇÃO ESTRUTURADORA DO TEMPO E A SOFRER A CONCORRÊNCIA DE OUTRAS ATIVIDADES QUE DEFINEM A IDENTIDADE DAS PESSOAS.

e pós-graduação de curta e longa duração, os grupos profissionais formais e informais —, parecem ser tão ou mais utilizadas atualmente.

Ademais, outros tipos de atividade vêm competindo com o trabalho na questão identitária. É cada vez mais usual, hoje em dia, termos pessoas que se dedicam a *hobbies*, esportes ou a outras atividades que não o trabalho e se autodefinem por eles: *chefs* que recebem em casa aos fins de semana, maratonistas, voluntária(o)s, blogueira(o)s, fotógraf(a)os amadores, executiva(o)s que também são professor(a)es ou palestrantes. Enfim, há uma incontável gama de atividades sendo desenvolvidas com tanto comprometimento quanto àquele dedicado ao trabalho. E essas atuações, muitas vezes, propiciam a criação de grupos ou comunidades que também constituem fonte de interação social. E tem acontecido de até se tornarem a principal fonte de renda das pessoas.

Algumas pesquisas, de fato, observaram que a centralidade do trabalho tende a cair, principalmente entre os mais jovens. Tal constatação faz sentido se nos lembrarmos de que os valores e as atitudes em relação ao trabalho são resultantes de características políticas, culturais e socioeconômicas em contextos históricos determinados. Jean-François Chanlat, em 1995, em *Quais carreiras e para qual sociedade*, afirma que a carreira é produto de uma sociedade industrial capitalista liberal e que na sociedade feudal o modo de organização, baseado rigidamente nas divisões sociais, era muito diferente. Portanto, é muito provável que a Quarta Revolução Industrial traga novas configurações para a temática do trabalho.